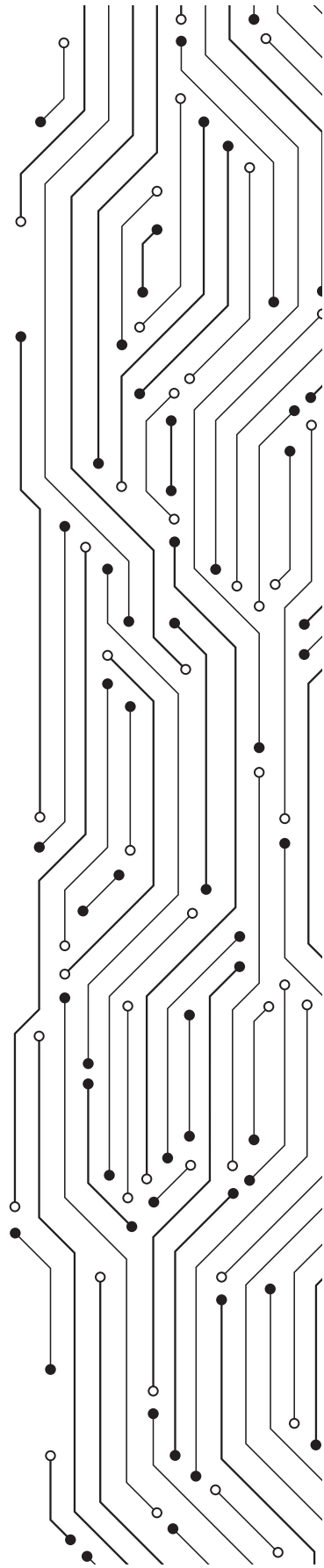
… mas, quanto a mim, sou atormentado por um eterno desejo por tudo que é longínquo. Adoro navegar mares proibidos e desembarcar em costas bárbaras.

— ISMAEL

PARTE 1



BOB VERSÃO 1.0

— Então… Vai cortar-me a cabeça.

Soergui uma sobrancelha ao vendedor. Estava a provocá-lo. Eu sabia, ele sabia, eu sabia que ele sabia.

Sorriu-me, contente por alinhar na rotina desde que eu e a minha carteira continuássemos atentos.

— Senhor Johansson…

— Trate-me por Bob, por favor. Não está a falar com o meu pai.

O representante de vendas da CryoEterna — o crachá identificava-o como Kevin — assentiu e apontou para o cartaz grande, que mostrava o processo criónico com pormenores macabros. Levei o meu tempo a interiorizar o seu fato *Armani* e o corte de cabelo de cem dólares. Pelos vistos, não faltava dinheiro na criónica.

— Bob, não vale a pena congelar o corpo todo. Lembre-se de que a ideia é esperar por desenvolvimentos na medicina capazes de curar o que o tenha matado. Quando conseguirem ressuscitar o seu cadáver, já deverão ser capazes de lhe criar um corpo completamente novo. Na realidade, será mais fácil do que remendar o antigo.

Isto é suficientemente louco para ser verdade.

— Muito bem, Kevin, estou convencido. — Olhei para baixo, para os documentos que pôs à minha frente. — Dez mil de depósito, pagamentos anuais, seguro…

O Kevin aguardou pacientemente, não me interrompendo enquanto eu analisava a informação. Podia estar embriagado com a minha recém-descoberta riqueza, mas quase uma década como engenheiro e proprietário de um negócio não me permitiria fazer nada sem verificar toda a documentação.

Por fim, dei-me por satisfeito. Assinei a papelada, passei um cheque e apertei a mão ao Kevin.

— É oficialmente cliente da CryoEterna Inc. — declarou, entregando-me um cartão. — Traga sempre isto na carteira. Em caso de morte, seremos contactados. Assim que for declarado o óbito, nós vamos…

— … decapitar-me.

— Exato. E congelar a sua cabeça, à espera de avanços médicos suficientes para o trazer de volta. As linhas de orientação para criar um Fundo estão na pasta de informação. — O Kevin entregou-me uma pasta grossa azul-brilhante com um padrão de nuvens quase invisível e o logótipo da empresa gravado na frente. — Vamos imprimir os documentos e enviá-los por correio para sua casa. E bem-vindo à CryoEterna.

E, com aquilo, estendeu o braço e voltámos a apertar as mãos.

Dei um saltinho ao sair do escritório da CryoEterna. O Fundo já fora formado, mas não queria que o Kevin soubesse que já decidira assinar antes sequer de entrar no edifício. Não valia a pena facilitar-lhe *de mais* o trabalho. Não cheguei a perceber se se tratava de um investimento astuto no meu futuro ou de um incrivelmente estúpido desperdício de dinheiro. Bem, que se lixe. A quantia que a Terasoft me pagou pela minha empresa de *software* assegurou-me estabilidade financeira para o resto da minha vida… e agora mais além.

Já para não referir a melhoria significativa do meu estilo de vida. Assisti à convenção de ficção científica The Vortex todos os anos desde que se iniciou em Las Vegas, mas este ano não me misturei com a ralé. Ao percorrer a pé os dois quarteirões que separavam os escritórios da CryoEterna da convenção, retirei o passe VIP do bolso e pendurei-o ao pescoço. Este cartão garantia-me benefícios exclusivos — acesso às *suites* de acolhimento, possibilidade de contornar as filas para as sessões de autógrafos e espaços reservados para painéis, entre outras coisas. Também adquiri um passe para a Jenny…

E pronto. Invoquei Aquela Cujo Nome Não Deve Ser Pronunciado. Estaquei a meio do passeio, o que me valeu uma série de olhares de reprovação de quem seguia atrás de mim e uma imprecação murmurada de um aspirante a Cavaleiro Jedi. Comecei a inspirar fundo para conter o ataque de pânico. Desta vez, levei apenas uns momentos a controlar-me. Nada como a experiência, calculo. Ainda era acometido por vários

ataques de pânico por dia, mas muito menos do que logo após a separação. Era como ter um dente cariado — espeta-se-lhe constantemente a língua, mesmo sabendo que vai doer cada vez mais.

Com um ato consciente de vontade, trouxe de novo os meus pensamentos para o presente. Tirara partido do passe VIP ao reservar um espaço num par de painéis consecutivos, e o primeiro ia começar dali a menos de quinze minutos. «Explorar a Galáxia» incluía Lawrence Vienn entre os oradores. Era um autor de ficção científica popular e prolífico, e muitos dos conceitos das suas histórias ajudaram a moldar o género moderno.

Levei apenas uns dois minutos a chegar ao centro de convenções e a dar com as salas das palestras. Os elementos do *staff* da convenção já haviam acompanhado os VIP aos seus lugares e estavam prestes a deixar toda a gente entrar quando cheguei, afogueado e a agitar o meu passe no ar. Praticamente sem olhar para mim, o assistente fez-me um gesto para que entrasse.

Fiquei num lugar junto ao corredor por pura sorte. Enquanto me apressava a entrar na sala, alguém se levantou à minha frente e virou-se para sair. Sem quebrar o ritmo, enfiei-me no lugar vazio e a mulher sentada ao meu lado olhou para mim duas vezes. Deve ter pensado que o outro tipo se tinha transformado.

Virei a cabeça para observar a sala enquanto abriam as portas à populaça. As pessoas entraram na sala de conferências até os assistentes terem de fechar a porta ou enfrentar A Ira do Chefe dos Bombeiros. Os hotéis de Las Vegas tendem a ter bom ar condicionado — ninguém quer clientes incomodados ou desconfortáveis —, mas muitos dos participantes já envergavam os seus fatos de *cosplay* há demasiado tempo. Tentei respirar pela boca, à espera de que a ventilação atenuasse o odor.

Como era hábito nas convenções, muito poucas concessões foram feitas quanto à estética. As mesas e as cadeiras eram da variedade padrão de mobília dobrável, e a informação sobre a sessão estava escrita num enorme quadro branco. A marcador preto, pois, pelos vistos, alguma cor era pedir de mais.

Ninguém queria saber.

O moderador, um homem negro, baixo e largo, com um sorriso permanente no rosto, chamou a nossa atenção.

— Boa tarde, seres gentis. Hoje, vamos ouvir Lawrence Vienn… — Os vivas espontâneos obrigaram-no a fazer uma pausa. — … que nos vai falar dos pré-requisitos tecnológicos e económicos para o envio de sondas interestelares para o espaço. Depois disso, o doutor Steven Carlisle — mais vivas — vai falar da biologia da vida extraterrestre. Esperamos ter, hoje, um belo painel. Portanto, sem mais demoras, apresento-vos o senhor Vienn.

Os aplausos prolongaram-se por vários minutos. O Lawrence sorriu pacientemente e fez alguns acenos com a mão. Por fim, os aplausos foram diminuindo e acomodei-me para ouvir com atenção.

« * »

Cheirei a minha roupa, só para me certificar de que não tinha apanhado nenhum do odor da sala. O segundo painel foi ainda mais fedorento do que o primeiro. Não fosse o tema, teria bazado. Mas qualquer discussão sobre sondas *Von Neumann* era como uma droga para mim.

Concluí que não ia precisar de mudar de roupa antes de me encontrar com os meus futuros ex-funcionários ao almoço.

Deixei o centro de convenções e dirigi-me ao restaurante previamente combinado, e sorri com o espetáculo ao meu redor. As convenções de ficção científica acabam por espalhar-se inevitavelmente para as ruas. Havia *storm troopers*, Chewbaccas e tripulantes alienígenas da *Enterprise* a vaguear por todo o lado. Multidões de fãs enchiam os passeios e atravessavam as ruas com ou sem o auxílio dos sinais de trânsito. Vi mais do que algumas trocas de dedos do meio, acompanhadas por sugestões de natureza autoerótica. Que divertido. Os fãs enchiam os restaurantes a todas as horas de todos os dias, mas o *staff* não se queixava — os *nerds* tendem a dar boas gorjetas. Ouvi dizer que os casinos não estavam muito contentes com o nível de entendimento do jogo. Ao que parece, os *nerds* percebem de probabilidades.

Cheguei ao restaurante sem perder qualquer parte do corpo e fui ter com o meu grupo.

« * »

— À Terasoft!

O Carl ergueu o copo ao fazer o brinde.

— À Terasoft.

Nós, os restantes, erguemos também os nossos copos.

O Carl, a Karen e o Alan foram as minhas primeiras contratações para a InterGator Software. Foram leais e pacientes nos difíceis primeiros tempos, e tornei-os acionistas da empresa. A minha aplicação de conceção e análise de engenharia acabou por se tornar o produto número um do seu nicho, ultrapassando por uma margem significativa as vendas de empresas concorrentes, como a Terasoft.

A Terasoft reagiu com uma oferta de compra de arregalar os olhos e agora todos partilhávamos as recompensas. Estes três podem ainda ter de trabalhar para ganhar a vida, mas já não teriam de pagar prestações de crédito à habitação nem as dos carros.

Eu convidara o trio a passar a semana em Las Vegas à minha custa. Só o Carl aceitou a minha oferta do passe VIP para a convenção, os outros dois invocaram a defesa da sua sanidade mental. O Alan e a Karen declararam a sua intenção de ver todos os espetáculos de Las Vegas em exibição. Com vários por dia, pareciam estar a atingir o ponto de saturação.

— Como estás a aguentar-te, Bob?

O Carl olhou para mim com uma sobrancelha empinada.

— Bastante bem. Assinei o contrato com a CryoEterna esta manhã…

A Karen rosnou baixinho e desviou o olhar. Não precisava de dizer fosse o que fosse; já deixara bem clara a sua opinião sobre o assunto.

Agitei as sobrancelhas na direção dela e continuei:

— E acabei de assistir a um par de painéis bastante interessantes. «Explorar a Galáxia» e «Projetar uma Sonda *Von Neumann*».

O Alan riu-se.

— Não consigo ver um fio comum, de todo. Engenheiros. Credo.

— Sim, mas como é que *tu* estás?

O Carl fitou-me intensamente.

O Carl conseguira trilhar o caminho complicado de ser um funcionário e tornar-se um amigo sem parecer estar a dar graxa. Creio que lhe devo a cortesia de não me fingir desentendido.

— Muito melhor, Carl. Os episódios «Jenny» só acontecem um par de vezes ao dia. Posso até estar preparado para me voltar a juntar à raça humana em breve.

— A mulher era uma idiota — resmungou a Karen. — Devias ter aceitado a oferta da tua mãe.

Aquela fez-me soltar uma gargalhada.

— A minha mãe não sabe *mesmo* contratar assassinos, Karen. Acho que não. — Peguei no telemóvel e olhei para o ecrã. — Por falar nisso, enviou-me uma mensagem. Vou ter de lhe ligar em breve, senão não vai parar de mandar mensagens. Ela é tipo Exterminador Implacável.

— Então *é* genético!

Fingi uma gargalhada exagerada para o Carl e ele devolveu-me o sorriso, sem mostrar arrependimento. Após um instante, fez um gesto de desdém e mudou de assunto:

— Ora bem, parte do objetivo de vir a esta convenção este ano era para servir de distração da separação, certo? Então, como foram os painéis?

A Karen soltou um suspiro irritado e eu inclinei-me para a frente, para pousar os cotovelos na mesa.

— Muito interessantes. O doutor Carlisle teorizou que, de um modo geral, a vida será similar em planetas diferentes com climas similares, e talvez até digeríveis por humanos. Panspermia, 'tás a ver? Origens biológicas comuns.

— Balelas.

— Não, a sério, Alan. Apresentou um argumento bastante válido para uma base química comum para a vida. Não compatível como em *O Caminho das Estrelas*, mas poderíamos provavelmente subsistir num ecossistema alienígena.

— Vou esperar para ver — disse o Alan. — E o outro? As sondas espaciais?

— As sondas *Von Neumann*. Sondas automatizadas que se reproduzem à medida que visitam sistemas solares. Ao que parece, os nanorrobôs foram descartados em prol das impressoras 3D para a autorreplicação.

O Carl assentiu:

— E o progresso da tecnologia vai deixando a ficção para trás, uma vez mais.

— Espera, o quê? — disse o Alan, perplexo.

O Carl e eu sorrimos de forma indulgente. O Alan não era um *geek* da ciência, apesar da formação em desenvolvimento de *software*. Gesticulei enquanto descrevia a ideia.

— Já viste impressoras 3D, certo? A imprimir coisas como peças de plástico, próteses médicas e brinquedos? — Quando ele assentiu com a cabeça, continuei. — Agora sobe isso um nível. Levar a que sejam capazes de fornecer qualquer elemento, um átomo de cada vez, de acordo com um desenho. Podias, em princípio, imprimir literalmente qualquer sólido.

— Incluindo peças para fazer mais sondas — acrescentou o Carl —, usando quaisquer elementos que encontrassem nos sistemas visitados.

O Alan olhou para mim.

— E isso funcionaria?

— Parte da minha licenciatura foi em química, Alan. Vocês sabem disso. Creio que é completamente plausível. — Parei por um momento para provar a minha cerveja e depois olhei em volta para os outros. — E a engenharia…

— Vais mesmo congelar a tua cabeça?

Virámo-nos todos para a Karen.

— Cá vamos nós — murmurou o Alan.

Ela lançou um olhar furioso ao Alan e depois a mim.

— Quando eles te ressuscitarem… *se* eles te ressuscitarem… provavelmente seria muito depois de terem morrido todas as pessoas que conheces.

— Incluindo a Jenny… — disse o Alan por entre os dentes.

A Karen lançou-lhe outro olhar furioso.

— Como queiras. A tua família vai estar morta. Os teus amigos vão estar mortos. Isso não te preocupa?

Olhei para ela por um momento, a considerar a resposta.

— Eu sou um humanista, Karen. Tu sabes. Não acredito na vida após a morte. Se morrer, as minhas escolhas são a ressuscitação ou nada. Vou tentar a sorte com o que seja que encontre ao acordar.

A expressão da Karen tornou-se ainda mais tempestuosa e ela abriu a boca para responder. Felizmente, o empregado de mesa escolheu esse momento para chegar com o nosso almoço. O aroma dos hambúrgueres, da cebola caramelizada e das batatas fritas com vinagre pairou em volta da mesa quando os pratos foram pousados à nossa frente. Quando a comida acabou de ser distribuída, o momento de tensão já se dissipara.

« * »

Deixei um rasto de sapatos e roupa atrás de mim e acomodei-me na cama de casal. A diária da *suite* executiva era ridícula, mas só a cama luxuosa valia o preço. Podia habituar-me a isto. Oh, sim.

Programei o despertador para não dormir a tarde toda e peguei no telemóvel. A minha mãe ia mesmo continuar a mandar mensagens se eu não lhe ligasse.

A chamada tocou duas vezes do outro lado antes de eu ouvir a voz dela.

— Olá, Robert. Já se passou um ano?

— Ah! Ah! Olá, mãe. Recebi a tua mensagem. Não, não preciso que contrates um assassino para matar aquela fulana, obrigado. Estou no The Vortex, a passar um bom bocado. *OK*, adeus.

Ela riu-se para o telefone. Era um jogo que fazíamos sempre. Eu agia impacientemente e tentava terminar a chamada, mas ambos sabíamos que me manteria em linha até quando ela quisesse.

— Estou bem, Robert, obrigada por perguntares.

— E como estão os mosquitos?

— Os mosquitos estão ótimos. Sentem a tua falta e da tua pele nórdica delicada. Não há mosquitos em San Diego?

— Não como no Minesota, mãe. Um dos motivos por que me mudei para cá.

— Hum. E como estás, filho? A oferta continua de pé no que diz respeito àquela fulana. Conheço uns tipos…

— Obrigado, mas não quero ter de te visitar na prisão. — Soltei um suspiro. — Ouve, mãe. As pessoas traem. Acontece. Ainda não éramos

casados. Teria odiado descobrir *depois* de termos dado o nó. Estou bem agora. A sério.

É possível *ouvir* descrença? A minha mãe não disse uma palavra. Talvez tivesse sido a respiração dela. Fosse o que fosse, decidi que era uma boa altura para mudar de assunto:

— Como estão todos?

— O teu pai está bem. Está na oficina, ainda a tentar fazer com que aquela lata velha funcione. As tuas irmãs estão de visita, já agora. *Elas* visitam a pobre mãe doente. A Andrea está a fazer sinal de que gostaria de gozar contigo um bocado.

— Está bem, passa-lhe o telefone. Preciso que me rebaixem o ego.

Ouviu-se uma conversa abafada, e então:

— Olá, maninho.

— Sou mais velho do que tu.

— Não era isso que eu queria dizer.

Sorri para comigo com o som da voz dela e a tradicional troca de galhardetes. A Andrea, a Alaina e eu éramos tão próximos quanto os irmãos podem ser. As duas raparigas eram gémeas apenas no que dizia respeito a terem nascido ao mesmo tempo. Tinham literalmente uma diferença de trinta centímetros de altura entre elas. E a Andrea também nunca me deixava esquecer que era dois centímetros e meio mais alta do que eu.

— Então, ricaço, como estão as coisas em Silicone Valley?

Conseguia ouvir o sorriso na voz da Andrea. Ela andava a fazer este número de comédia desde que me mudei para o Oeste.

— É *Silicon*, Andrea. E isso é em São Francisco.

— Eu vejo o TMZ. Não retiro o que disse.

— Ohh, a dor de cotovelo é forte nesta!…

A Andrea riu-se. Passámos alguns minutos a trocar insultos e a pôr as notícias em dia, e depois disse-lhe para dizer olá à Alaina e ao pai por mim.

Graças a Deus pela família. E graças a Deus por uns quantos milhares de quilómetros de distância. Quando estava toda a gente em casa ao mesmo tempo, geralmente eu aguentava cerca de meia hora antes de me retirar para a cave. Por norma, o meu pai seguia-me dez minutos

depois. Trocávamos o habitual revirar de olhos e acomodávamo-nos, sem dizer nada, a ler ou a ver televisão. O meu pai e eu éramos ambos lobos solitários por natureza. Podíamos sentar-nos na mesma divisão durante horas sem trocar mais de cinco palavras e estar ambos completamente confortáveis. Dávamos com a minha mãe em doida.

« * »

Fiquei surpreendido quando o despertador tocou. Não pretendera adormecer. Saltei da cama e arranjei-me o mais depressa possível. Ia encontrar-me com o pessoal para jantar, mas queria passar algum tempo na convenção. A The Vortex era uma loucura giratória de três dias, e eu queria apanhar o mais que conseguisse. Não se podia verdadeiramente dizer que se tinha ido a uma convenção de ficção científica até se ser atropelado por *cosplayers* de Farscape, ameaçado por pelo menos um Darth bêbedo e ter adquirido um adereço foleiro de plástico por mais do que o valor do seu peso em ouro. Hurra.

O elevador abriu e entrei no átrio. Um porteiro acenou com a cabeça quando me aproximei e franqueou-me a porta. Como sempre, não tive a certeza se lhe devia dar gorjeta ou não. Para não ficar mal, decidi que lhe daria uma enorme gorjeta quando fizesse o *check-out*.

O ar de Las Vegas bateu-me como um martelo quando saí do hotel climatizado. Parei e deixei que um bando de tripulantes da *Enterprise*, vários ferengis, dois Chewbaccas e um *storm trooper* passassem. Estavam a falar alto, eram truculentos e pareciam ter provado álcool *Terran* em excesso. Após alguns segundos de uma discussão parcialmente coerente, viraram-se e atravessaram a rua como se fossem mais ou menos uma unidade.

Sorri e abanei a cabeça, depois lá fiz os quinze metros adicionais até à passadeira. Não estava assim com *tanta* pressa. Quando comecei a atravessar a rua, ouvi um alvoroço de insultos, buzinas a tocar e o chiar de pneus.

Virei-me na direção do ruído e ficou tudo em câmara lenta. O carro contornou o grupo, com a boca do condutor a mover-se enquanto ele se debruçava na janela. Virou-se para a frente, olhou diretamente para

mim e arregalou os olhos. Os pneus chiaram quando o carro travou as quatro rodas.

Só PODEM estar a gozar comigo!

Um clarão de luz, um momento de dor inimaginável…

« * »

Ouvia vozes. Vozes urgentes, a gritar códigos. Alguém ao fundo a declarar que tinha o direito de estar ali. Algo sobre uma procuração, testamentos. Respostas zangadas. Uma voz calma, muito mais próxima, a declarar a hora do óbito…

As vozes e a luz desvaneceram-se. E o mundo acabou.

BOB VERSÃO 2.0

Despertei de repente. Não houve transição, nada da ambiguidade normal que se sente ao acordar. Recordei o carro a vir contra mim, o que pensei ser estranho. Seria de esperar que os últimos segundos se perdessem por não terem tido tempo de entrar na memória de longo prazo. Por outro lado, talvez os últimos segundos *tivessem* sido perdidos.

Fiquei ali deitado, sem me mexer nem abrir os olhos, e fiz um inventário cuidadoso. Não sentia dor. Na verdade, não sentia os braços, as pernas, nem sequer o corpo. Não estava a receber nenhuma das pistas propriocetivas normais que me indicariam se estava deitado, confortável ou o que fosse. Não era nada bom sinal — a paralisia total parecia uma explicação provável.

Senti um momento de pânico, seguido de imediato por uma espécie de surpresa confusa. O pânico parecia ser puramente intelectual. Eu não tinha a sensação de respiração pesada, o batimento cardíaco acelerado, nem a tensão muscular de lutar ou fugir. Nada. Embora, regra geral, fosse bastante analítico, isto parecia particularmente vulcano, até para mim.

Uau. Estarei paralisado da testa para baixo? Às tantas, estou em coma induzido. Se sim, não é um coma lá muito bom.

Criando coragem, abri os olhos.

Ou tentei. Não aconteceu nada. Dessa vez, senti pânico. Para mim, ficar cego era um pesadelo. Por momentos, os meus pensamentos descontrolaram-se. Pensei nos filmes que nunca iria ver, nos livros que nunca iria ler.

Mas, mais uma vez, o pânico não se autorreforçou. Nada de pico de adrenalina, nada de nada. Não estava capaz de pensar em nenhuma doença que causasse aquilo. Drogas, talvez. Das boas.

Comecei a sentir-me um tudo-nada assustado. Além do pânico, quero dizer. Decidi que as drogas seriam uma boa teoria.

Determinado a assumir o controlo da situação, tentei de novo, *pensei* mesmo em abrir os olhos. Na mecânica da coisa, na sensação dos meus olhos a abrir…

E, sem qualquer transição, conseguia *ver*! Não há palavras que descrevam o meu alívio ante uma tão pequena vitória.

Parecia estar sentado, pois olhava para uma parede em vez de um teto. A sala podia ser o quarto de um hospital, ou um laboratório, ou um qualquer escritório governamental. As paredes eram pintadas naquele tom branco peculiar com que as construções pareciam sempre começar. A parede mais distante tinha uma janela enorme, agora escudada por, hum, qualquer coisa branca. De início, pensei que pudessem ser estores laminados, mas, na verdade, pareciam estar impressos no vidro.

Esperava ver parte do meu corpo em primeiro plano, talvez sob lençóis simples de hospital. Mas, ao invés, havia apenas uma superfície lisa, como o tampo de uma secretária.

Para lá dessa superfície, estava um homem sentado, a consultar um *tablet*. Parecia, e não estou a brincar, exatamente como a maioria de nós visualiza o Sigmund Freud, até à bata de laboratório.

Não pode ser mesmo um psiquiatra. Isso seria demasiado cliché. *Estará aqui para me falar dos meus ferimentos? Tem de ser bastante mau, se têm um psicólogo de plantão à espera que eu acorde.*

Todavia, havia algo de estranho nele. A camisa que envergava parecia ter um corte praticamente clerical: e o relógio…

Levei um momento extra a aperceber-me de que estava a sofrer um problema de perspetiva. A sala parecia ter bastante profundidade e era estreita, e o Freud parecia ter quase um metro de largura. Na verdade, quando virou a cabeça, o nariz parecia prolongar-se até uns trinta centímetros da cara.

Enquanto examinava esta estranha ilusão ótica, senti uma sensação de deslocação e ouvi um zumbido, e a perspetiva corrigiu-se. Antes que pudesse começar a analisar a sensação e o som, o Freud levantou os olhos e sorriu.

— Ótimo. Está acordado.

Tentei responder, mas o que me saiu foi algo parecido com um misto de tosse e estática. *Pelo amor de Deus, parecia um sintetizador de voz a ter um colapso.*

O Freud pousou o *tablet*, inclinou-se para a frente e pousou os braços na secretária ou mesa ou lá o que era.

— Continue a tentar, por favor. Pode levar algumas tentativas até a interface GUPPI começar a engrenar.

Pensei no que ele dissera. De imediato, surgiram-me três pontinhos na mente. Pontinho um, eu não estava morto. Bem, *OK*, penso, logo existo, blá-blá-blá. Digamos que esse pontinho foi provado. Pontinho dois, eu não estava como novo — de facto, aparentava estar a falar através de um sintetizador de voz. Mas a fazê-lo por controlo mental, o que significava que, pontinho três, a tecnologia avançara significativamente desde que eu fora atingido pelo carro. Há quanto tempo estaria inconsciente? E que raio seria uma interface *guppy*?

Tentei mais uma vez, concentrando-me em formar as palavras.

— *Xzjjzzjjj*… Alguém quer *zhixxxjx* dizer-me o que se passa?

O Freud bateu as palmas das mãos uma na outra uma única vez.

— Excelente. Eu sou o doutor Landers, Bob. Vou responder a qualquer questão que tenha e ajudá-lo a preparar-se para a sua nova vida.

Nova vida?… O que é que a minha antiga vida tinha de mal? Já não estou a gostar nada disto.

O Dr. Landers puxou o *tablet* para que este ficasse diretamente à sua frente.

— Então, Bob, qual é a última coisa de que se lembra?

— De um carro a vir direito a mim. Convenci-me de que me ia acertar. Estou plenamente convencido de que o fez.

— E assim foi, de facto, Bob. O Bob chegou ao hospital em estado crítico, com um prognóstico péssimo. De acordo com o seu contrato com a CryoEterna, a organização estava em *standby* com um recipiente criogénico quando foi declarada a hora do óbito.

— Bem, é bom saber que o meu dinheiro não foi desperdiçado. Então, em que ano estamos?

O Dr. Landers riu-se.

— É muito bom falar com um sujeito tão rápido no raciocínio. Estamos no dia 24 de junho de 2133, e em New Handeltown, que seria Portland no seu tempo.

Aquilo surpreendeu-me. *Isso são…* **[107]** *anos. Espera, de onde é que isto veio?*

Eu sempre fora capaz de fazer contas de cabeça sem grande esforço, mas normalmente requeria que passasse, no mínimo, pelos passos do cálculo. Esta resposta chegara como se me tivesse sido dita ao ouvido. *Hum. Algo a investigar mais tarde. Acrescenta-o à tua lista de tarefas.*

Incidi a minha atenção de novo no doutor. A bata fazia agora um pouco mais de sentido. Era provável que a moda mudasse em mais de cem anos. Mas o que eu queria mesmo era olhar para o relógio.

— Quem é o Handel? — perguntei.

— Ah, então, Bob? Estamos a precipitar-nos. Eu tenho um guião estabelecido para atualizar os candidatos, e as lições de História vêm mais tarde.

— Então, o que aconteceu a Old Handeltown?

O Dr. Landers sorriu e abanou a cabeça com fingido pesar.

Suspirei e acenei também com a cabeça. Ou melhor, tentei acenar. O meu campo de visão não se alterou. Portanto, eu tinha o controlo dos meus olhos, mas não da minha cabeça. Começava a suspeitar de algum tipo de síndrome do encarceramento.

Em vez disso, grunhi.

— Certo, então podemos falar sobre que partes de mim ainda são humanas? Esta coisa da voz artificial diz-me que vocês não foram capazes de me deixar como novo. Quanto é Borg? Deveria pedir um espelho ou seria uma má ideia?

— Ah… — O Dr. Landers olhou para o *tablet* e hesitou; depois voltou a olhar para mim. — Não seria exato compará-lo a um Borg. Se me recordo corretamente dos meus conhecimentos sobre *O Caminho das Estrelas*, esses são, pelo menos em parte, humanos. Penso que o Sr. Data seria uma melhor comparação.

Limitei-me a olhar para ele pelo que me pareceu uma eternidade. A minha mente estava vazia. Não parecia ser capaz de formar um pensamento.

Por fim, encontrei a minha voz.

— *Zhzzjjjz*… Perdão?

Reparei quase de passagem que continuava a não ter um ataque de pânico. Pela primeira vez, suspeitei conhecer a razão para tal.

— Você, Bob, é aquilo a que a maioria das pessoas chamaria Inteligência Artificial, embora tal não seja estritamente exato. O Bob é uma cópia da mente do Robert Johansson, criada através da digitalização do seu cérebro criogenicamente congelado a nível subcelular e da conversão dos dados para uma simulação de computador. O Bob é, no essencial, um programa informático que pensa ser o Robert Johansson. Um *replicante*.

— Quer isso dizer que sou imortal?

O Dr. Landers pareceu alarmado por um instante, mas depois atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

— Essa não é realmente a reação que costumo ver. Parecemos ter passado completamente a fase da negação. Estou a sentir-me cada vez mais confiante na nossa decisão de o replicar.

— Bem, obrigado. Creio eu. Então estou… quer dizer, o Bob continua vivo? Ou continua morto? Quer dizer, ainda em criopreservação?

— Não, receio que não. — O Dr. Landers mexeu-se na cadeira, desconfortável. — O processo de gravação é destrutivo. Tivemos de descongelar o cérebro por tempo suficiente para sermos capazes de medir os potenciais sinápticos sem permitir a criação de cristais de gelo. Há utilização de químicos que tornam o cérebro inviável. Não vale a pena tentar congelá-lo outra vez.

A revelação atingiu-me como um raio, quase como se tivesse tocado num fio elétrico com corrente. Não sei por que razão me deveria sentir mais incomodado com o facto de o Bob original estar morto. Seja como for, eu era um programa informático. Mas, de alguma forma, a ideia de que era tudo o que restava do Bob parecia uma facada no corpo. Eu fora — o Bob fora — *descartado*.

— Mas… mas isso quer dizer que vocês me *mataram*!

O doutor soltou um suspiro.

— E essa é a dica para começarmos a lição de História.

Sentou-se mais confortavelmente na cadeira e assumiu a expressão distante típica das pessoas quando dão palestras.

— Em 2036, os Estados Unidos elegeram um presidente exagerada e descaradamente fundamentalista chamado Andrew Handel. Sim, esse Handel. Durante o seu mandato, tentou banir a eleição de não-cristãos para *qualquer* cargo público e tentou remover a separação constitucional entre a Igreja e o Estado. Foi nomeado, apoiado e eleito com base nas suas opiniões religiosas, em vez de nas suas competências políticas ou fiscais. E, como é óbvio, nomeou pessoas de cariz semelhante para todos os cargos que conseguiu, em alguns casos ignorando flagrantemente leis e procedimentos. Ele e os seus comparsas impuseram políticas de extrema-direita sem pensar nas consequências. Em alguns casos, quando questionado sobre os resultados, declarou que Deus não iria permitir que a sua causa justa falhasse. Acabou por levar os Estados Unidos à ruína com um colapso económico que fez com que a recessão de 2008 parecesse uma brincadeira de meninos.

O Dr. Landers bateu levemente com os dedos no *tablet*, abstraído. Era óbvio para mim que sabia a história de cor e salteado.

— Nas eleições seguintes, os eleitores votaram no primeiro, e único, presidente abertamente ateu dos Estados Unidos, Desmond Ahearn, principalmente como reação ao fiasco Handel. Escusado será dizer que a direita religiosa se passou dos carretos. Em 2041, planearam com sucesso um golpe de Estado. E assim nasceu a Free American Independent Theocratic Hegemony[1].

Talvez tenha levado um milissegundo a decifrar o acrónimo. Gemi.

— Quanto tempo é que acha que eles demoraram a chegar a *isso*?

O Dr. Landers franziu o rosto.

— O relato oficial não menciona o Ahearn nem o golpe, e o que se diz é que o Handel foi eleito após candidatar-se com uma plataforma para criar uma teocracia. E só para que saiba, Bob, criticar o governo é crime, punido com, hum, *reeducação*. É certamente algo a evitar. Contudo, enquanto máquina, o Bob seria simplesmente desativado. Parte do meu trabalho é instruí-lo no pensamento certo para que possa tornar-se um bom servo do Estado.

[1] Traduzido à letra, Hegemonia Teocrática Independente Americana Livre. O acrónimo no inglês original é FAITH, que por sua vez significa FÉ. [*N. do T.*]

— Vai meter-se em sarilhos? Alguns dos seus comentários parecem, sei lá, insuficientemente respeitosos.

— O Ministério da Verdade, que apoia este empreendimento, é surpreendentemente pragmático. Preocupam-se com resultados e garantiram-nos que não irão interferir, desde que consigam aquilo por que pagam. — O doutor franziu o sobrolho. — Alguns dos outros ministérios, nem tanto. Nós somos cuidadosos durante as visitas ministeriais.

— Percebi. Então, seja como for, irei viver o resto dos meus dias a operar um camião do lixo ou assim, como um bom servo do Estado?

— Ah, bem, quanto a isso… Ora bem, um dos primeiros atos da nova teocracia foi declarar todas as instalações criogénicas blasfemas e todos os cadáveres congelados verdadeiramente mortos. Confiscaram os bens dos clientes… todos os veículos fiscais que o Bob e outros estabeleceram para pagar pelo vosso armazenamento de longa duração. E, por fim, leiloaram todos os bens das companhias de criogenização. O que incluiu um monte de clientes congelados sem qualquer legitimidade processual.

— Leiloaram-nos? A coisa adequadamente ortodoxa não seria enterrar-nos a todos? Não que eu esteja a defender isso agora, compreende…

Por um instante, o Dr. Landers pareceu zangado.

— No seu tempo, os teólogos limitavam-se a comportamentos lógicos ou consistentes?

— Bem visto. — Considerei a explicação do doutor. — Então, na realidade, eu pertenço a alguém?

— À companhia para quem eu trabalho, na verdade. A Applied Synergetics Inc. encontra-se numa espécie de competição económica com a Total Cyber Systems para fornecer servos robóticos à sociedade. Tentamos integrar replicantes em maquinaria útil, enquanto a TCS cria inteligências artificiais de máquinas, IAM, de raiz.

Ri-me. Ou tentei. O que saiu do sintetizador de voz não se parecia nada com o que eu pretendera.

O Dr. Lander encolheu-se.

— Isso vai melhorar. Não se preocupe. No fim desta sessão, a sua voz será indistinguível de uma voz humana. E, para responder à questão implícita, mas óbvia, as IAM, de momento, estão apenas autorizadas a desempenhar tarefas muito, muito simples, de risco mínimo e com bastante supervisão. Há uns anos, alguns equipamentos de controlo de pragas baseados em IAM tiveram um surto psicótico no centro comercial local e decidiram que as pessoas contavam como alvos. Dezenas de clientes foram feridos e vários foram mortos antes que pudessem desativar os aparelhos.

Voltei a rir-me. Desta vez pareceu-se menos com uma impressora a encravar.

— Por outro lado — continuou o Dr. Landers —, os replicantes não são melhores nas multitarefas do que eram quando vivos. Motivo para o qual acrescentámos a interface GUPPI para delegar tarefas. E cerca de quatro em cada cinco replicantes enlouquecem quando descobrem o que lhes foi feito.

Ele olhou para mim com um sorriso irónico.

— Já para não falar no facto de a maioria dos sujeitos crio terem sido ricos e não aceitarem muito bem a ideia de se tornarem servos contratados na sua vida seguinte.

A imagem de um qualquer ex-CEO a ser informado de que iria agora conduzir um camião do lixo fez-me soltar uma gargalhada.

— … Daí que por vezes seja difícil encontrar o replicante certo para o trabalho certo. E uma certa percentagem também enlouquece após algum tempo.

Era uma constatação preocupante. Eu tinha um mau pressentimento de que mais adiante poderia ter de enfrentar esse abismo. Nesse momento, tudo parecia estar a acontecer a outra pessoa. Questões sobre a individualidade e a existência de almas roçavam os limites da minha consciência. Com esforço, pu-las de lado, para me concentrar no agora.

— Um fracasso de oitenta por cento não é lá muito bom, doutor. Como é que conseguem manter o negócio a funcionar?

— Bob, um sucesso pode ser instalado em muitas unidades. A maior parte do equipamento de mineração operacional é atualmente controlada

por um tal Rudolf Kazini, que foi mineiro na sua antiga vida. A chave é um temperamento que combine com a tarefa. — O doutor hesitou por um momento e depois acrescentou: — E, como é óbvio, nós cultivamos vários candidatos.

Tentei soerguer as sobrancelhas inexistentes e fiquei aborrecido quando nada aconteceu.

— Assim sendo, estou numa competição?

— Bem, sim e não. Nós ativámos cinco candidatos para este projeto. Estatisticamente, quatro de vocês vão enlouquecer e serão purgados. Se mais de um passar a fase de treino com a sanidade intacta, então, sim, teremos de fazer uma escolha. O projeto requer apenas um replicante.

— E o perdedor?

O Dr. Landers encolheu os ombros.

— Camião do lixo. Ou talvez seja meramente armazenado até que surja uma nova oportunidade.

Nada bom. Nada bom, de todo. A perspetiva de enlouquecer não estava exatamente na minha lista de desejos, mas a ideia de enganar a morte — mais ou menos — para depois ser simplesmente relegado para trabalho subalterno era uma seca. Ser desligado, pior ainda. Pelos vistos, estava numa competição, e com riscos elevadíssimos para mim.

Ia ter de levar a coisa muito a sério. E de presumir que os outros candidatos seriam igualmente compatíveis com qualquer que fosse a tarefa requerida para o projeto. Teria simplesmente de ser melhor do que eles. E o primeiro passo era a recolha de informação.

— Então, qual é o trabalho?

— Não vale a pena discutir as especificidades nesta fase. Quando muito, seria uma distração.

Bem, lá se foi a ideia.

— Pode falar-me dos meus oponentes?

— Não, Bob. Não há motivo para tal. Nunca os vai conhecer. Seja como for, é melhor não os humanizar.

Fazia sentido, de um modo bastante frio, clínico. Só que, naquele momento, não estava a ter grande sucesso na frente da recolha de informação.

— Muito bem. Próxima pergunta. Porque é que não me sinto mais em pânico com tudo o que se está a passar? Isto é completamente bizarro. Estou morto. Quer dizer, o meu eu original está morto. Sou um programa informático. Sou *propriedade*. Porque não estou a dar em doido, a abanar as mãos no ar? Além da razão óbvia, quero dizer.

O doutor esboçou um sorrisinho irónico, mas não parecia realmente divertido.

— Não podemos modificar a sua personalidade, Bob. É uma propriedade emergente. Tentar fazê-lo teria resultado em, hum, sujeitos inviáveis. Por isso, é tudo ou nada. Mas *podemos* controlar rotinas de simulação endócrina. O pânico depende de um ciclo de retroalimentação que envolve adrenalina. Nós simplesmente limitamos isso. Não pode entrar em pânico, nem zangar-se ou assustar-se, pode apenas ficar profundamente preocupado, por assim dizer.

— E, mesmo assim, têm uma taxa de fracasso de oitenta por cento? — Tentei gesticular com uma mão. Sempre falei muito com as mãos, e, como tal, quando também isso falhou, disse, exasperado: — Ouça, a dada altura hei de receber apêndices? Esta coisa do *Jack the Bodiless* está a dar-me cabo dos nervos, hum, dos circuitos. Seja lá o que for.

O Dr. Landers assentiu.

— Na verdade, Bob, penso que hoje fizemos grandes progressos. É óbvio que o Bob é uma pessoa bastante racional e que está a lidar com tudo isto muito melhor do que eu poderia ter esperado. Continuamos amanhã, e vou ver se lhe consigo arranjar alguns periféricos.

O Dr. Landers pegou no *tablet* e tocou-lhe ao de leve com os dedos.

— Espere, não, eu…